

A MANDRÁGORA

projecto dramático com base em “a mandrágora” de Nicolau Maquiavel

MANDRÁGORA



APRESENTA

A MANDRÁGORA

MANUEL DE ALMEIDA E SOUSA

CASCAIS, novembro de 2005

I

no espaço, sentado, o autor:

lança cartas de um tarot.

a um dos lados, um volume coberto por um pano. de outro lado, uma porta rotativa (tipo hotel). ao fundo uma cortina. por detrás da cortina a sombra de um corpo de mulher. o autor olha o público demoradamente, depois descobre o volume de onde surge o rapaz. sai.

rapaz - à janela

transparecem os teus peitos

nus

qualquer cego os verá

se

servidos nos lençóis brancos da alcova.

deles, deriva um relato perceptivo donde brotam

a verdade

e

a falsidade

ah!...

a consciência crescente...

e

os meninos correm.

descobrem

as lesmas que se espreguiçam

sob as pedras húmidas.

entra o ermitão (lâmina VIII do tarot) .

coro - não sabemos de onde vimos

os desertos trazem os nossos passos

ermitão - não conheço o silêncio

as minhas mãos

transportam a chuva das tardes cinzentas

coro - os rios lavam as histórias

abraçam-nas com suas margens

e

encaminham-nas para o mar

ermitão - por aqui andei.

não deixei qualquer sinal.

apenas o frio das recordações

a névoa profunda dos tempos

e

as portas secretas abrem-se.

contemplo a torrente de cinza. *(sai)*

calímaco - *(entrando)* estás aí?... *(pausa)*

ah!...

o dia transformou-se no destino

é isto a anulação da mente?
a sua substituição por um mecanismo...
a evolução gradual
aproxima-se do tempo operacional zero.

rapaz - o mal
tem, por vezes, de ser enfrentado

calímaco - na minha incansável busca, fui alvo de constantes
e
terríveis ameaças...

rapaz - sei.
o sangue gelou-te o estômago...

calímaco - dificilmente se pode extrair uma melhor aprendizagem...
certo dia constatei que a substância é o ponto de partida.
oh!... nesse dia discutia-se a beleza.
rapaz - também sei...
e
que dizer?!...

calímaco - não digas nada.
ouve,
escuta-me apenas.
as cidades são deprimentes.
todas.

rapaz - abundam os gatos vadios... (*pausa*) uma vez alimentei um que me pagou a caridade com arranhões
e
uma dentada no dedo.
o polegar.
fascina-me a possibilidade de contrair uma enfermidade
daquelas que destabilizam o espírito...
que causam o mau estar.
desde a felina agressão...

calímaco - amiguinho!...
há nomes que soam mais alto,
que são música para os meus sentidos
um nome assim, foi pronunciado.
lucrécia!
não mais o esqueci
e
comprovei.
a sua beleza supera tudo o que sobre ela ouvi.

rapaz - já estou a perceber onde queres chegar.

calímaco - e eu, estou brutalmente apaixonado...

rapaz - como te entendo.

calímaco - os infelizes fins de semana...
ah! como se tornam pesados!?!...
depois...
vão rareando as ondas de gargalhadas.

talvez pelo facto de ser audível a tentativa de disfarçar a decepção.
não captar a sua melodiosa voz, é...
oh!

a senhora. a minha senhora lucrécia dá as costas

e
apesar de tudo, exhibe um sorriso singelo, como se essa situação inusitada não fosse algo tão estranho
para
mim.

não, afinal não é.

rapaz - calculo.

calímaco - mulher cultíssima.
introduzida nos melhores círculos intelectuais.
uma alma, enfim, superior..
rapaz - no entanto...

calímaco - casada.

rapaz - o importante nas histórias de hoje é o desenvolvimento da trama, não o final surpresa.

e eu, pressinto já, um golpe admirável.

uma trama onde os acontecimentos se encandeiam e se deixam adivinhar..

sim, um final.

instantâneo...

encadeado?...

ouvem-se sinos de igreja.

o rapaz sai e o espaço fica vazio. por detrás do pano de fundo a silhueta de uma mulher que cresce e fala.

voz da mulher (*lucrécia*) - assim como a fénix ascende, nós também podemos ascender sobre as ruínas
da vida

e

alcançar o santuário escuro da eternidade.

da vontade.

aí, nesse santuário, ela governa

num ninho de fogo

no qual os limites de nossas mentes

e corpos

são queimados

e

a vontade, imortal,

perfeita, livre de propósitos,

é forjada.

II

da porta rotativa saem ligúrio e depois o dr. nícia.

dr. nícia - como te dizia, ligúrio, ou repudias o passado ou...

ligúrio - serás aniquilado!...

então, aniquilemos.

aniquilemo-nos.

coloquemo-nos diante do processo de destruição,

tudo está calculado para funcionar.

sem piedade.

enfrentamos uma inimaginável dose de razoabilidade

que nos leva ao êxtase.

o deserto é, pois, uma espécie de crónica que se escreve a dois níveis.

dr. nícia - tudo isso é verdade.

tudo.

mas eu queria outra coisa.

queria uma vida tranquila.

queria ser um pai rodeado de brinquedos.

queria erguer-me da cadeira e no primeiro passo tropeçar num comboio eléctrico

e, no segundo, pontapear uma bola.

queria viver no caos, na desarrumação.

ligúrio - num quarto de brinquedos?...

o deserto seria assim como uma casa insondável.

dr. nícia - suspeita.

ligúrio - inocente.

dr. nícia - lúcida.

ligúrio - consciente.

dr. nícia - nostálgica.

nostálgica?... não.

tal imagem não passaria de um simulacro da verdade. seria uma ficção anedótica, realista e ansiosa.

mesmo que por períodos curtos, tais imagens, devem ser substituídas por outras.

diferentes.

não devemos sujeitá-las ao sofrimento.

às poucas falhas.

mesmo as menores...

ligúrio - oh!...

como se torna difícil, doutor, todo este discurso intenso que trava as nossas fixações neuróticas.

vou directo ao assunto, se me permitis.

sei da cura para o vosso mal.

dr. nícia - o meu mal?

não ligúrio, o mal de minha mulher.

ligúrio - conheço um médico.

dr. nícia - conheço um advogado

ligúrio - conheço um pedreiro

dr. nícia - conheço um arquitecto

ligúrio - conheço, enfim, o homem perfeito para tratar a infertilidade da senhora.

disse-me um destes dias sobre o vosso caso o seguinte: “nam causae sterilitatis sont: aut in semine, aut in matrice, aut in instrumentis seminariis, aut in virga, aut in causa extrínseca.”

dr. nícia - sabe latim?

ligúrio - sabe tudo.

inglês, francês, chinês, castelhano...

a sua língua

tem percorrido impiedosas paisagens.

a língua, meu caro doutor...

ah! a língua...

as línguas, não são barreiras para ele.

dr. nícia - que excelente médico. confiarei nele sem limites.
escuro. dois tiros de revólver e uma voz.
voz - senhores passageiros. para vossa segurança, pedimos o favor de não forçarem as portas.
ouve-se agora um tremendo grito.

III

*o espaço está organizado como na primeira cena - o autor lança cartas de tarot, num dos lados um volume coberto por um pano branco...
o dr. nícia entra pela porta rotativa.*

dr. nícia (*dirigindo-se ao autor*) - os personagens não têm corpo. parecem arquétipos, marionetas...
o tema tem falta daquela complexidade, daquele equilíbrio entre as cláusulas próprias do género e o devido interesse...
sempre pensei no teatro como uma causa, uma...
mas não, nada está a acontecer.
falta o deslumbramento, a magia...
onde está tudo isso?... (*retira o pano branco, surge o rapaz*) oh!...

rapaz - o doutor parece desprovido de mente!...

dr. nícia - que idade tens?

rapaz - doze anos.

dr. nícia - oh! doze anos. poderia ser meu filho.

rapaz - esta história parece extraída de um livro do senhor maquiavel.

autor - precisamente. nicolau maquiavel.
eu não passo de um reles plagiador. isto é um plágio mal feito. (*sai*)

dr. nícia - vêes meu filho, virou-nos as costas.

rapaz - na cena que se segue, o protagonista pergunta à sua amante se tem algum inconveniente em mudar-se para a capital. (*sai*)

dr. nícia - estas crianças!...

lucrécia atravessa o palco numa lentidão desesperante.

lucrécia - a fénix era o pássaro simbólico do retorno, representando vários ciclos de tempo como nos é ensinado nas antigas escolas de mistérios.
de acordo com plinius, a vida da fénix tem directa conexão com o ano maior do ciclo de renovação. e, a duração deste ciclo, no qual as estrelas e constelações retornam às suas posições originais, varia de acordo com as diferentes autoridades.
há quem prescreva um período de 666 anos.
outros, porém, afirmam ser de 1461 anos.
cabe, aqui, lembrar que este é o período específico do ciclo de sírius.
heródoto, esse, afirma que a fénix ressurge em cada quinhentos anos, dando portanto, este número como sendo a duração do ano maior de retorno cíclico.

dr. nícia - lucrécia, meu amor, viste o nosso filho? esteve aqui, há pouco... está quase um homem.

lucrécia - já nasceu?...

ah!

antigos documentos descrevem a mandrágora como uma planta que: - “adormece el primer día y vuelve loco el segundo”. (*sai. a cena escurece*)

IV

em cena ligúrio e calímaco

ligúrio – dizia-me ele, não haver uma razão real e física para o sofrimento anímico que o afecta... quer à viva força ser pai.

os médicos aconselham fármacos e mais fármacos, porém...

calímaco – a criança não vem.

ligúrio – com efeito.

calímaco - daria a vida por uma só noite com a senhora lucrécia.

ligúrio – pensei um estratagema.

pu-lo em prática.

disse-lhe seres tu médico.

abri as portas.

caberá a ti, agora, soltares as rédeas ao teu desejo e construíres uma sórdida cena campestre em que a ténue aceitação inicial da senhora lucrécia venha a culminar na ilustração real do acto...

calímaco – como faze-la aceitar?

ligúrio – também para isso tenho solução.

calímaco – diz-me.

ligúrio – um padre e a mãe.

um padre, compra-se.

a mãe, é uma raposa velha...

conheço-a bem. para convencê-la a participar na trama bastam promessas.
promessas de certo protagonismo.

eu trato disso.

calímaco – meu caro ligúrio, se tudo correr bem...

miro e remiro já, o acto;

... por entre subtis isolamentos,

a percepção do seu corpo escorregando pelos paralelos carris

e

até ao alcançar das abstracções minimalistas duma moldura.

intrigante e sedutora figura...

sonho-a rápida,

fatal como um raio.

nesse sonho, onde as palavras estão ausentes, as imagens da sua carne quente e o meu olhar curvo percorrendo as escalas do desejo - têm o mesmo peso.

- queres ir para o campo colher romãs?

pergunto.

tantas as histórias bifurcadas...

o que nos vale,

é que há um rosário de enigmáticas narrativas que se abrem a um misterioso olhar...

ligúrio – vai.

descansa.

o padre é a minha primeira etapa.

calímaco sai, ligúrio vai ao fundo da cena. ouve-se um cântico religioso – o som deve ser distorcido. o actor deverá preparar a sua actuação de forma a jogar com os dois lados do espaço dramático, desempenhando os papéis de padre e ligúrio em simultâneo. ele será a cara e a coroa da moeda. no lado esquerdo será padre, no direito ligúrio. a cena deverá ser sublinhada com o som rítmico de uma bola de ping pong.

em ligúrio – padre!... deus seja louvado.

em padre – louvado seja, meu filho.

em ligúrio – conheceis a bela lucrécia?

em padre – sou o seu guia...

com ela faço, por vezes, viagens a uma cripta de um mosteiro dos pirinéus.

em ligúrio – apenas conheço os claustros de oxford

e

os bosques da transsilvânia.

em padre – e a placidez da campina francesa?

em ligúrio – aí, padre, tive as minhas primeiras aventuras amorosas.

em padre – conheces a história do alfaiatezinho valente?

em ligúrio (*à parte*) – este padre tem gostos estranhos... (para o padre) padre. preciso da sua ajuda. (*simula um segredo*)

em padre – oh!... isso é um pecado nefando...

em ligúrio – os meios, padre, são justificados

quando os fins são sagrados....

tenho aqui um cartãozinho de crédito.

com muito crédito!

em padre – uma mão lava a outra.

em ligúrio – mais vale um pássaro na outra, que...

padre!... aí vem a d. lucrécia com sua mãe.

em padre – vai em paz, meu filho. (*apressa-se a guardar o cartão de crédito*), vou recebê-las.

V

entram sóstrata (a mãe) com uma roda de bicicleta na mão acompanhada de lucrécia

padre - vinde a mim, minhas senhoras.

sóstrata - padre, o tempo e a mente aguda...

... para ver

e

relacionar, não chegam.

estou perturbada.

perturbada se encontra também minha filha...

precisamos dos vossos conselhos.

padre - por vezes, que sei eu, alguém viaja ao desconhecido por ter lido que,

aí,

há terra comestível.

sóstrata - uma mandrágora cresce num pântano como o lamento distorcido de um menino que poderá vir ao mundo.

um menino perdido, atormenta os nossos ouvidos como o uivo de um lagarto.

padre - isso será reconfortante para vós.

lembras-te sóstrata, das nossas aulas de teologia?

sóstrata - que insinuante estás hoje, padre!...

padre - tudo é virtuoso quando...

sóstrata - os objectivos são alcançados.

padre - nem mais.

sóstrata - e os pecados dos homens?

padre - tu, lucrécia, olha o órgão velocipédico de tua mãe e diz-me:

- é um objecto mais simbólico que histórico?

lucrécia - não estudei semiótica, padre.

padre - boa resposta, minha filha.

sóstrata - de acordo com os modelos...

padre - disparate, sóstrata.

nada impede vossa filha experimentar uma poção de mandrágora.

e vós...

consultai também esse médico.

parece-me um excelente profissional...

se o fizerdes, não vos esqueçais de vir ao confessionário.

ide, minhas filhas...

ide.

a cena escurece.

ouvem-se passos e o ruído de uma claqué de futebol.

VI

a luz volta. calímaco e o dr. nícia passeiam-se.

dr. nícia - doutor...

calímaco - doutor, eu...

dr. nícia - oh!... doutor...

calímaco - a mandrágora...

dr. nícia - a mandrágora. sim, doutor.

calímaco - a mandrágora é o meio. por ela atingiremos os seus propósitos.

dr. nícia - pois... o propósito sempre é alimentado pela admiração ou por aquela...

calímaco - lúcida dissecação do sistema! (*levantando os braços ao céu e falando em surdina*) ou dir-se-á “dissecção”? baralho-me sempre neste passo... perdoar-me-ão os céus?

dr. nícia - bravo, doutor! acaso se poderão apontar as vertentes excêntricas?

calímaco - nos rios
as ocorrências não são simultâneas

e,
tudo o resto
não passa de mera especulação metalinguística.
a língua, doutor...
a língua...
oh!...

quando noto que há palidez num rosto, sei que posso devolver ao paciente o temperamento que emana...

pois...

e

todo este processo passa por aí.

a mandrágora!

ah!...

mas atenção doutor!

a mulher que a ingerir fica contaminada pelos poderes da planta.

o primeiro que se atrever a entrar no seu leito, poderá morrer ou enlouquecer...

não, doutor.

não há cura para tal mal,
muito menos para a morte.

dr. nícia - mas isso é terrível!...
como proceder?

calímaco - desse contraste provém o acerto.

o acerto, doutor...

ora, o acerto!...

é o regresso à ordem estabelecida.

ou seja,

o regresso à normalidade tão desejada por si, doutor. e...

dr. nícia - e... doutor?

calímaco - e...

portanto...
que d. lucrécia seja mãe de um rapagão saudável.

dr. nícia (*aplaudindo*) - bravo. bravíssimo!

calímaco - sacrificaremos, no leito, o primeiro madraço que encontrarmos a vadiar pelas ruas.

entram lucrécia e sóstrata com a sua roda de bicicleta.

calímaco - minhas senhoras!?...
o filtro, foi preparado!...

sóstrata - a fase seguinte aproxima-se.
e com ela...

o meu neto.

todos - o neto!...
bravo!...
bravo!...
viva o doutor calímaco!
viva a mandrágora!

a cena escurece.

VII

o autor entra em cena de patins. pára. olha para todos os lados. o rapaz aproxima-se pelo lado oposto.

rapaz - tu?...

autor - tornei-me um guerrilheiro da palavra
disparo vogais em todas as direcções.

rapaz - pois eu...
tornei-me um gladiador da palavra
esgrimo lancinantes consoantes em todas as direcções, e...

autor - olha para mim. repete o que disseste.

rapaz - esgrimo lancinantes consoantes em todas as direcções, e...
lanço-me sobre as cinzas de civilizações caídas
só
e
para poder renascer...

autor - pois... disse eu.
um autentico festim para os sentidos.
e tu...
a gritar.
posseio como relógios.

o autor sai. sostrata entra com a sua roda de bicicleta como se fora um guarda chuva. aproxima-se do jovem, agarra-o por um braço. o padre entra.

sostrata (*para o rapaz*) - quieto. aqui a meu lado.

padre - que temos?

sostrata - padre... eu...

oh!... a história prossegue dando as voltas de sempre.

padre - as guerras regressam ao lar?!...

sostrata - pese a honradez voluntariosa deste testemunho...

padre - rituais sucessivos e por vezes sobrepostos?...

sostrata - a orfandade. o estudo. o jogo. a ciência zoológica. o erotismo. sob o prisma da mística ba-taillana...

padre - e outras cirurgias mais delicadas. mas...

sostrata - o meu neto.

padre - lindo menino.

sostrata - um pecador. um pecador, padre.

padre - sorriu? enfrentou a verdade?...

sostrata - pior.

padre - pior?...

sostrata - tirou os pregos... soltou o cristo da cruz e...

rapaz - ele riu-se para mim. encorajou-me. então eu soltei-o. fomos brincar para a praia, rimos... depois lançámos papagaios de papel ao ar e...

ainda tivemos tempo para jogos de antropofagia. ele devorou-me. ali, na praia e, qual fénix, renasci das cinzas.

padre - isso não se faz. não é bonito. não está bem. ah!... os modelos desta época. este influxo liberal... não!... não está, mesmo, certo. e que será de mim? da igreja?!... *(em fúria)*
maldito sejas, rapaz! dou cabo de ti!

escuro. ouve-se um tiro, um grito, choros.

a luz volta. sostrata e o padre, no chão, desenharam uma dança erótica. entra calímaco.

calímaco - que se passa?

sostrata - doutor...

padre - a história repete-se. os deuses regressaram. o caos, meu filho, o caos...

calímaco - de volta, padre? o caos?...

padre - dentro das várias classes de antologias, algumas ainda reflectem o bom senso... reúnem bons relatos.

algumas até apostam...

sostrata - o que o padre quer dizer...

calímaco - sei!

estamos perante acções expansivas, secretas e de radiações impossíveis de ser captadas por profetas.

padre - assim é.

calímaco - não vos preocupeis.
no princípio foi o televisor e só depois os “slogans”, a barbie, o sexo normalizado, os pais vencidos e os mestres corruptos, a insónia e os microships injectados que nos obrigam a recitar marcas de shampoo, vomitar palavras como cães eloquentes...
ah!...

os abortos naturais e provocados.
ah!...
os suicídios dos adolescentes.
ah!...
a ejaculação precoce e a chegada da velhice!...
ah! ah! ah!

padre - assim seja,

sostrata (*aos gritos*) - o salvador. o messias... voltou!... voltou!...

escuro, na penumbra passa o ermitão.

ermitão - o destino do possuidor de uma mandrágora é influenciado por ela.
no entanto, a sua extracção é considerada altamente perigosa.
ah!...
tirei alguns dias de folga do blog..
mas já estou de volta.
a minha agenda tem andado super-lotada:
- lavar o aquário, cuidar dos peixinhos, preparar a gaiola do canário, ir ao café pela manhã...
pois é...
acreditava-se que, quando se arrancava uma mandrágora, o homenzinho encerrado na sua raiz soltava lastimosos e agudos gemidos.
é menester colhe-la por baixo de uma forca e, após ritos particulares...
porém, só em determinadas condições se desfruta de todas essas propriedades.
outro detalhe...
ela não se sentiu frustrada quando viu que não daria para ficar com o rapaz naquela noite...
e
é esta postura, a do desinteresse provocado pela certeza da materialização, que dissolve a ansiedade, não a impossível obliteração... (*acende um cigarro*)
teofrasto, esse, aconsejaba trazer tres círculos con una espada en torno a la planta y arrancarla mirando al oriente.
se supone que los gemidos que emitía la planta eran capaces de matar a quien los escuchara, por lo que en la edad media ataban a un perro hambriento al cuello de la raíz, ponían fuera de su alcance un pedazo de carne y se alejaban a todo correr.
cuando el can, tirando de la cuerda, arrancaba la mandrágora, él era quien oía el grito que daba la muerte.

VIII

o espaço está escuro, os actores cruzam-se com movimentos lentos. sostrata com a sua roda de bicicleta destaca-se. os outros saem.

sostrata - parabéns!...
disseram-me.
e
continuaram:
- a senhora está acima da média e, com isso, prova que é uma verdadeira amante da literatura, que domina muito bem a língua...

e
prossegiram:
- pessoas assim,
expressam-se bem em qualquer meio
e
não têm praticamente dificuldade alguma em entender textos considerados eruditos.
e
tu, meu amor, concluíste:
- quem sabe se um dia não te tornarás uma filóloga?

o padre, carregando um enorme saco, entra.

padre - hoje fui a nova iorque...
pela primeira vez...
tírei um dia de folga, sabes?...
pela primeira vez vi, ainda que de longe, o que resta da quinta avenida.

sostrata - que dizes?...

padre - a quinta avenida...
próximo, muito próximo do empire state building.
era a nova iorque de sempre; muita gente, muito transito, aquele pessoal todo com aquele ar de quem tem muito que fazer...

sostrata - pois...

e
eu conheço a dor de uma injeção na testa que me prometeram, de graça.

padre - que interessante...
eu tenho um quisto aqui.
ao pé do olho...
alimento-o com ananases.
o ananás...
tu sabes como são os ananases...
grandes, alaranjados...
mas tu estás perdidamente apaixonada...
pelo que me consta até andas a trocar beijinhos no escuro das salas de cinema... é isso?

sostrata - contigo, meu amor.
os meus irmãos não mataram a família... foram ao cinema.
não achas isso interessante?

padre - oh!... claro amor...
(*à parte*) e que fazer depois de uma polémica que se iniciou aqui, neste palco, e terminou num blog nacional?

(*para sostrata*)

e
digo-te mais: - quem sabe se um dia não te tornarás uma filóloga?
saem suavemente com o som de fundo de água corrente.

IX

em cena calímaco e ligúrio.

ligúrio - por...
por agora
por agora nada

e
um estado mais subtil deve ser alcançado.
meu caro calímaco, chegou a hora.
no mundo dos sonhos a vibração manifesta-se. ela espera-te.

calímaco - resulta...
espinhoso.
desejava poder dizer:
- quero estar contigo amanhã, podes ir buscar-me a casa, depois de jantar?
e ela concorda... concordava.
então, a noite parece um amanhecer.
ela dormiu na minha cama!?!...
brincou com os almoços
e
certificou-se que o marido estava fora.
pegou no carro e procurou-me.
pegou-me.
devorou-me...
fizemos amor de seguida
e
freneticamente.
estava calor.
o suor que escorria dos nossos corpos molhava o chão,
as paredes
e
tudo o resto...
por onde passássemos.
então...
ficámos juntos muitas vezes.
saímos juntos.
festejamos juntos...
e
choramos juntos quando o sonho se diluiu na corrente.
claro...
afinal as condições iniciais influenciaram bastante, os resultados...
mas será essa...

ligúrio - é.
é essa.
é a dependência sensível...
a dependência inicial...
é isso.
vamos gerar o caos.
grita!...
recorda-a...
lembra-te!
aquela senhora de saia comprida por quem o teu coração anseia.
lembra-te!
aquela trança enorme escorrendo pelas costas...
aqueles
óculos coloridos tão...
cinematográficos.

calímaco - tracemos a acção. a espera desespera-me.

ligúrio - colocas esta máscara, vestes aquele capote...

calímaco - não devia forçar...
devia...
esperar que o desejo sobrevoasse

e... fizesse sentir o seu peso.
que chegasse o momento.
sem pressa.

ligúrio - recuas agora.

calímaco - não. apenas...
ouve ligúrio, estou-te eternamente agradecido.
agora...
quando me apanhares, tem cuidado,
não me batas com muita força.
caso contrário...
mato-te!

soltam uma enorme gargalhada.

ligúrio - será assim. tu irás para o largo da igreja e eu, enfiar-te-hei um saco pela cabeça...
depois, ato-te e levo-te até ao doutor...
quando ele te trancar no quarto com d. lucrécia. serás tu a fazer o resto...

calímaco - não precisarei de ajuda.
esse é o momento do meu desejo.

ligúrio sai rindo.

calímaco - lembro-me as várias vezes que vi essa mulher passeando de um lado para o outro...
hummm...

quando sentir a humidade de sua boca soltar-se-ão todas as cadeias.
a ansiedade de sua respiração...
procurará os aromas mais profundos?
procurará o prazer, invadindo territórios desconhecidos?
sinto-me...
desconcertado.
pois...

vinte e quatro horas não são suficientes para o meu dia.
o meu quotidiano comporta 48 horas... sim, 48.
passei a noite a pensar no teorema...
das 5 experiências, 4, incluindo a mais séria delas,
provaram a existência do efeito não-local.
basicamente...
a questão é, saber-se que ondas se propagam à velocidade da luz...
afinal de contas a criação revela sempre alguns dos seus mistérios.

*escuro. ouve-se o toque de um telefone seguido de uma voz.
voz - como estás? tudo bem?... sim, já faz um tempinho que não nos falamos... pois... é assim.*

X

ligúrio está junto da porta rotativa. a seu lado calímaco com um saco enfiado pela cabeça. ligúrio grita: "óh da casa!" entra pela porta o dr. nícia.

ligúrio - aqui está o tratante.

dr. nícia - levemo-lo para dentro. depressa!... cuidado. que não nos vejam.

ligúrio - antes do nascer do sol, solte-o.

dr. nícia - não me esquecerei!... até amanhã.

escuro. ouve-se uma enorme gargalhada seguida de aplausos.

XI

sostrata e o rapaz estão sentados no chão. jogam às cartas. ao fundo os vultos de um homem e uma mulher. a cena abre com som de violinos e alguns gemidos.

uma voz masculina: - querido vento, permite que esta noite não seja privado de uma melhor relação peso potência. que consiga as mais altas prestações...

sostrata - oh!...

os novos propulsores, bem mais potentes, devem facilitar a tarefa. não?...

e

que dizer da nova linha exterior
e daquele interior amplo e acolhedor...

rapaz - quando personalizado, o carro, corresponde a um consumidor mais exigente

e

o fabricante tem sempre em conta os recursos económicos, tecnológicos...
estamos perante um mercado em dura competição.

sostrata - o salão é amplo

e oferece uma completa agenda de actividades paralelas.

em muitas delas

poderemos até conduzir.

rapaz - manipular as mudanças, experimentar variantes...

sostrata - digamos que há sempre a possibilidade de contemplar todos os gostos.

rapaz - é um facto. para participar no salão bastará incorporarmo-nos no grupo que mais nos agrade,
no momento, claro.

sostrata - por exemplo: com os tipos todo-o-terreno

e

sob a supervisão de monitores especializados, os participantes escalarão montanhas...

rapaz - atravessarão túneis de difícil acesso

e

superarão todo o tipo de obstáculos.

sostrata - mesmo aqueles que sempre consideraram impossíveis....

rapaz - para os que preferem o asfalto... também há boas propostas.

sostrata - tais como: controlar uma derrapagem!...

rapaz - travar e esquivar-se de um obstáculo!...

sostrata - para além de resolver situações delicadas como: o aquecimento do motor, hesitações normais de um condutor inexperiente, derrapagens na gravilha...

rapaz - e para os amantes da velocidade... *(as cartas de jogar saltam, voam para fora se cena)*

os dois - oh!....

grito lancinante. escuro. um foco sobre a porta onde se pode ver o dr. nícia que espreita para os dois lados da cena. sostrata e o rapaz escondem-se. escuro.

XII

o dr. nícia volta a surgir e, do interior, puxa calímaco com violência. calímaco está envolto por uma capa escura.

dr. nícia - vá!... desaparece, malandro!

calímaco - ai senhor, não me faça mal!...

dr nícia - fora, criatura! e não voltes a aparecer. (calímaco esconde-se a um canto da cena) não. não o devia ter largado assim...

mas...

afinal poucos minutos lhe restam de vida...

e

segundo os cálculos do dr. calímaco os efeitos da mandrágora...

não perdoam.

pobre diabo...

até me sinto um pouco culpado.

morrer um homem...

mas...

afinal poderá nascer um menino. e o menino... é o meu.

o meu menino.

não. não voltará.

o dr. nícia sai. o rapaz e sostrata riem.

sostrata - bem. tenho de ir. vou ver a minha filha, deve estar desesperada coitadinha...

rapaz - até logo!... *(olha na direção de calímaco)* então?

calímaco - tudo como previsto.

despojado de experiências, confiante na palavra e na intuição mais subtil, fui levado ao limite dessa fronteira

que conserva

ainda

a fascinação do enigma.

rapaz - entendo...

calímaco - a matéria bruta transforma-se num salto

e

abre-se o espaço do carnal.

rapaz - ah, pois...

calímaco - as chaves da poética...

rapaz - as chaves?

calímaco - essa unidade...
traço e trajecto de um caminho que no seu progresso molda as formas da peça.
única.

rapaz - estou a ver.

calímaco - tens tabaco?

rapaz - de enrolar.

calímaco - serve.

o jovem estende-lhe o tabaco.

calímaco - *(enrolando um cigarro)* então...
pois... este é o teu primeiro espectáculo!?!...

rapaz - sim...

calímaco - claro... és muito novo ainda. uma criança.

rapaz - eu...

calímaco - ah! quando eu fiz de prometeu...

se me tivesses visto nessa altura...

aquilo sim, era um espectáculo a sério.

mas não.

ainda não eras nascido.

eu... fui talhado para as grandes tragédias.

oh! se fui...

sabes?... adoro fumar. é como um imenso começar que se ergue das sombras. das sombras?...

claro. das sombras.

o fumo...

ah!... o fumo!...

uma vez estava a fumar na praia e uns garotos... tu sabes como são os garotos. correm e saltam por
entre a

mansa rebentação. um deles mergulhou mesmo atrás de mim. caí com o cigarro na boca.

apagou-se.

escuro

voz do rapaz - o cigarro?

uma voz de mulher - *(cortante)* próxima e última paragem, cena XIII. tudo se passa em casa do dr. ní-
cia. a um dos lados o rapaz e calímaco, do outro; dr. nícia, lucrécia, ligúrio e sóstrata.

rapaz *(para calímaco - entredentes)* - pai. gostava de ter um computador novo, sabes?...

dr. nícia - vê lucrécia, como o nosso filho cresceu. já tem doze anos...

lucrécia - tornou-se um bom amigo do doutor calímaco...

tenho estado para aqui a pensar...

pois é!...

o doutor calímaco vive só...

é um homem

só.

e nós?...

nós temos uma casa enorme.

alguns vinte quartos...
porque não convidá-lo a vir para cá?
acho que o garoto adoraria.

dr. nícia - bem pensado, meu amor.
 muito bem pensado.
afinal o doutor...

sóstrata - (*cortando*) eu convidaria também o padre!

ligúrio - o padre?... oh!... os seus desejos são ordens, minha senhora. posso ir chamá-lo...

sóstrata - vá ligúrio, vá. por favor.

ligúrio - imediatamente!...

a cena escurece. entra o ermitão.

ermitão - o universo é um consenso
muitas das vezes não tão consensual como julgamos.
mas há sempre um acordo invisível sobre o que é possível

e

o que é realidade

e

tendo em conta o que cada indivíduo acredita ser o universo
podemos compor
uma aproximação do que é mais consensual entre todos nós.
o padre rompe em aplausos. escuro total.

uma voz - e agora?...

uma voltinha, ou vamo-nos deitar?